

Prefácio

Yara Frateschi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, HA. *As paixões humanas em Thomas Hobbes: entre a ciência e a moral, o medo e a esperança* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 121 p. ISBN 978-85-7983-024-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO

Thomas Hobbes é autor obrigatório para todos aqueles que se interessam por filosofia política (na verdade, para todos aqueles que se interessam por política, pela ótica de qualquer campo teórico). Mas é um autor diminuído, simplificado, barateado, ao qual atribuímos a paternidade do estado enquanto leviatã e mais meia dúzia de frases célebres: “o homem é o lobo do homem”, “os pactos sem espada não passam de palavras” etc. É que normalmente restringimos a vasta, viva e tensa obra de Hobbes a meia dúzia de capítulos do *Leviatã*, a começar do décimo terceiro capítulo dessa obra. Como se a primeira tese fosse aquela da guerra generalizada de todos contra todos e a última fosse a defesa do Estado absoluto. É uma estratégia do leitor preguiçoso, que combina com manuais e rótulos e não combina nada com uma atitude filosófica genuína e séria. Para começar a desfazer os preconceitos, é preciso lembrar que Hobbes não é autor de uma única obra e que o *Leviatã* não começa no capítulo XIII. Mais ainda: Hobbes queria ter feito um sistema filosófico e todo o seu longo percurso intelectual afirmou e reafirmou o propósito de fazer que os diversos campos da filosofia dialogassem de forma sistemática. Isso significa que, para compreender a grande tese da política hobbesiana, é preciso dar alguns passos atrás daquele que costumamos adotar como o primeiro e procurar as bases dessa filosofia política. É precisamente isso o que procura fazer Hélio Alexandre da Silva em seu primeiro (e espero que não o último!) trabalho de fôlego sobre Thomas Hobbes.

O grande mérito da dissertação de mestrado de Hélio Alexandre da Silva é não se contentar com aquele velho e bom (bom ou vilão, tanto faz) Hobbes conhecido de todos nós: o autor está à procura dos fundamentos da filosofia política hobbesiana e, nessa busca, chama para o centro de seu trabalho a relação entre a filosofia natural e a filosofia civil. Com isso o autor revela sua rebeldia e insubordinação em relação a toda uma literatura que, em épocas distintas e com propósitos diversos, recusou terminantemente a importância dessa relação para a fundamentação das teses centrais da política hobbesiana. Ao contrário dessa atitude crítica padrão, Hélio Alexandre da Silva procura entender o que é e como se estabelece esse sistema tornando-se capaz de ver que a política não se sustenta – filosoficamente – nela mesma, mas recua para a moral, que recua para a física. Isso permite ao autor fazer uma crítica muito bem fundamentada (excelente!) da famosa e equivocada tese Taylor-Warrender. Toda a dissertação converge para elucidar, no terceiro capítulo, a importância das paixões, principalmente o medo e a esperança, na construção da paz na perspectiva do mecanicismo e, portanto, da relação entre a filosofia natural e civil. Mas essa abordagem não confina o autor em uma perspectiva “naturalista”, porque ao mesmo tempo em que ele recupera a física com toda a sua importância, nem por isso deixa de ressaltar a relevância do contexto de formação das paixões. Se há uma natureza operando com toda a sua força no homem e o conduzindo à guerra, há também a possibilidade de contornar os efeitos potencialmente devastadores da paixão modificando o contexto de sua formação.

Não pretendo aqui antecipar o resultado admirável desse trabalho, mas dizer que ele é admirável porque não simplifica, não reduz e não barateia Hobbes. O autor não começa no capítulo XIII do *Leviatã*, mas nos dá, isso sim, bons subsídios para compreendê-lo. Além do mais, *As paixões humanas em Thomas Hobbes*: entre a ciência e a moral, o medo e a esperança é um enfrentamento das dificuldades e tensões da obra de Hobbes que assume uma atitude filosófica séria e genuína.